

A Índia e a não-violência

Maurício Andrés Ribeiro *

A novela *Caminho das Índias* focaliza especialmente a classe média urbana, correspondente a 20% da população indiana.

O filme ganhador do Oscar, *Quem quer ser um milionário* focaliza o ambiente de pobreza extrema das favelas urbanas naquele país, onde vivem cerca de 20% da população.

Os 600 milhões de habitantes restantes, que vivem em 600 mil aldeias, estão fora do foco desses produtos da mídia.

A Índia é como uma panela de pressão que opera em grande estresse interno, com as tensões religiosas e externo, com os vizinhos Paquistão e China, potências nucleares.

Na Índia, episódios de terrorismo, tensões com os vizinhos e o fundamentalismo religioso evidenciam estresses nas relações sociais e constituem eventos de explosão de violência. Esses episódios ofuscam o fato de que a Índia tem índices de violência urbana e rural muito mais baixos do que aqueles que ocorrem no Brasil, e tem reduzido gradualmente suas desigualdades sociais. Alguns indicadores numéricos atestam isso: para cada 100 mil habitantes, 36,6 são assassinados no Rio de Janeiro e 26 em São Paulo. Em Chennai, Mumbai e Calcutá esse índice é de apenas 1,1 assassinatos para cada 100 mil habitantes; o mais alto índice entre as cidades indianas é o de Nova Délhi, que atinge 4,1; ainda assim, é várias vezes inferior ao índice de violência nas cidades brasileiras: “Oficialmente, foram assassinados no Brasil, na década de 1990, cerca de 300 mil jovens. São números de guerra. Não há nada comparável na Índia, mesmo com as tensões étnicas e religiosas internas e os conflitos intermitentes na Caxemira, na fronteira com o Paquistão e em Bangladesh”, atesta o sociólogo Michel Misse, em artigo de 2003.¹

Existe uma combinação de condições para que a violência seja baixa na Índia. Na segunda metade do século XX aquele país reduziu as desigualdades entre ricos e pobres, o que gerou na população uma percepção positiva sobre o futuro e colaborou para manter baixos os níveis de violência. A apropriação pelos indianos mais ricos da riqueza nacional vem decrescendo nas últimas décadas, enquanto os mais pobres têm aumentado a sua participação nessa riqueza.

Por outro lado, é digno de nota o fato de que, na primeira metade do século XX, Gandhi tenha buscado na filosofia milenar indiana valores culturais como os da não-violência e do desprendimento em relação às coisas materiais que, aplicados à política, ajudaram com que o país alcançasse a independência em 1947.

Tolerância, receptividade e respeito à diferença permitiram aos indianos absorver influências de outras civilizações e incorporá-las à própria cultura, sem se deixar aniquilar e sem esquecer seus antigos valores ligados à ética da frugalidade e a padrões de consumo com baixa pressão sobre a natureza. É notório que a Índia é uma das civilizações que desenvolveu mais profundamente a inteligência espiritual, que faz uso não só das capacidades racionais, mas também das capacidades intuitivas, emocionais, da

¹ Misse, Michel, “Violências no Brasil e na Índia: para uma (difícil) comparação”, in *Diálogos Tropicais – Brasil e Índia*, organizada por Dilip Loundo e Michel Misse, Editora UFRJ, 2003.

sensibilidade. Entre os sinais de inteligência espiritual estão o elevado grau de auto-conhecimento, a autonomia para seguir as próprias idéias, a flexibilidade, a relutância em causar danos aos outros, a capacidade de enfrentar a dor e de aprender com o sofrimento, de se inspirar em ideais elevados, de aplicar princípios espirituais no dia-a-dia.

A crença na lei do *karma*, pela qual aquele que comete uma má ação sofre as conseqüências em si próprio, nesta ou em outras vidas, é um inibidor de ações criminosas. A compaixão para com os seres vivos está na raiz do comportamento não-violento e influencia hábitos, tais como a dieta vegetariana e a sacralização de animais e plantas.

Na sociedade indiana, os meios de comunicação veiculam seletivamente as produções externas e há uma grande produção de filmes, matérias para televisão, histórias em quadrinhos, com temática ancorada na rica mitologia hindu e que limita os espaços da comunicação de massa para as imagens, cenas reais ou ficcionais de violência. No sistema educacional, também é forte a veiculação da filosofia milenar indiana e os gurus são socialmente valorizados.

Naquele país, a experimentação culturalmente aceita de outros estados de consciência - por meio de práticas de ioga e meditação, para aquietar a mente, desenvolvê-la e alcançar equilíbrio emocional - reduz a necessidade de uso de drogas químicas, e, conseqüentemente, do crime associado ao narcotráfico ilegal.

A Índia ensina ainda a resolver problemas sociais em condições de escassez extrema, a reduzir desperdícios, a trabalhar eficazmente sem muitos capitais ou recursos financeiros.

O intercâmbio indo-brasileiro no campo das ciências humanas, das tecnologias sociais e da cultura de não-violência será especialmente proveitoso conhecermos como a Índia tem conseguido superar desigualdades, manter baixos índices de violência e desenvolver práticas para alcançar a paz social num regime político aberto e democrático. No campo da paz e da não-violência é proveitoso conhecer e aprender com a experiência indiana.

(*) Maurício Andrés é autor de “Tesouros da Índia para a civilização sustentável”.

mandrib@uol.com.br

www.ecologizar.com.br